



“A COR DA TERNURA”: O DESAFIO DE SER PROFESSOR NEGRO NA EDUCAÇÃO ATUAL DO SUDESTE GOIANO

Janaína N. de Paula¹, Márcia Pereira dos Santos²

1. Mestranda em História Cultura e Formação de professores UFG/ CAC.
E-mails: janas.nayara@gmail.com
2. Orientadora do projeto, Doutora em História pela UNESP (2007). Atualmente é docente (adjunto III) da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
E-mails:marciasantoss@gmail.com

Recebido em: 28/11/2014 – Aprovado em: 16/01/2015 – Publicado em: 31/01/2015

RESUMO

A proposta de presente artigo aqui apresentada objetiva transcender a condição de professores negros nas escolas e universidades. Particularmente percebo que a partir desses espaços é possível problematizar a questão do racismo no Brasil, apontando para os meios pelos quais o mesmo tem sido perpetuado. Levando em consideração que é de extrema importância pensar as formas de inserção do negro na educação, pensar o espaço da prática e as possibilidades de atuação do professor negro numa sociedade racista.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Atual do Sudeste Goiano, Racismo e Professor negro.

"THE COLOR OF TENDERNESS": THE CHALLENGE OF BEING BLACK TEACHER IN CURRENT EDUCATION OF SOUTHEAST GOIANO

ABSTRACT

The purpose of this article presented here aims to transcend the condition of black teachers in schools and universities. Particularly realize that these spaces can problematize the issue of racism in Brazil, pointing to the ways in which it has been perpetuated. Considering that it is extremely important to think of ways of inserting black education, thinking the scope of practice and the performance possibilities of the black teacher in a racist society.

KEYWORDS: Current Education Southeast Goiás, Racism and black Teacher

INTRODUÇÃO

O racismo contra o negro em geral e, ao professor negro em particular, é algo corrente nos dias atuais no Brasil. Lida-se com uma cultura na qual o branco, representa uma perspectiva dominante da cultura Européia, é o sujeito que se impõe sobre os outros. Muitas políticas brasileiras atuais, na busca por melhorar a condição social dos negros, se materializam como “contemplação” dos direitos negros sem, no entanto, atingir a raiz do problema que é pensar os negros brasileiros como sujeitos portadores de uma cultura, que não raro coincide com a dos brancos, mas que estão na mesma condição de homens e mulheres inferiores. Assim, acredita-se ser também de suma importância pensar o papel e a atuação de professores negros nas

escolas e universidades. Particularmente percebe-se que a partir desses espaços é possível problematizar a questão do racismo no Brasil, apontando para os meios pelos quais o mesmo tem sido perpetuado.

Um (a) professor (a) negro (a) na sociedade atual ainda é visto como um “bicho de sete cabeças”, pois alguns alunos não querem ter esse (a) professor (a) algumas mães não permitem que seus filhos sejam ensinados por um negro, não entendendo por sua vez que estes foram educados e que tem condições para educar, e o sistema acaba acatando este preconceito, mesmo que encoberto. Tais questionamentos foram os motivos mais tocantes na elaboração do projeto desta pesquisa: problematizar uma situação da vivência cotidiana de negros e negras, na atualidade. Essa realidade justifica a pesquisa, que ao investigar o assunto e estudá-lo poderá apresentar reflexões sobre o mesmo e contribuir para que o racismo, o preconceito, a discriminação racial, sejam questionados, permitindo uma opção de escola que não contribua para sua disseminação e perpetuação.

É preciso perguntar: qual o espaço da prática e as possibilidades de atuação do professor negro numa sociedade racista? Esta é uma das perguntas que tentou-se responder no decorrer da pesquisa, pois é uma problemática que interessa no âmbito pessoal, profissional, acadêmico e social.

A relação entre o professor negro e a educação, bem como seu papel como educador nas escolas têm sido alvo de muitos debates. Tal relação se apresenta como um desafio que necessita ser problematizado, uma vez que, como já pontuado, existem professores com formação acadêmica que não exercem o magistério. Acredita-se que tal impasse seja devido a cor. Nesse sentido, a proposta de pesquisa tem como problemática central analisar a importância da história dos professores negros no sudeste goiano a partir da análise de suas histórias de vida, práticas e desafios encontrados na formação acadêmica e atuação em sala de aula. Para tanto, ela parte das seguintes indagações: o problema da identidade profissional de professores negros estaria imerso também no processo identitário do ser negro no Brasil? Porque na sociedade atual o *normal*, ainda, é ser branco? Como professores e professoras negras contam suas histórias e as experiências que vivenciam? O que significa para eles serem negros e negras no universo escolar? Que escola esses sujeitos históricos experimentam? Que escola e educação desejam para trabalhar e, mesmo, para seus filhos?

Assim, respondendo a estas questões, a pesquisa possibilitará repensar também a escola como um espaço de cultura, moldado pelo desprezo à negritude e que deve ser problematizada em suas práticas, já que, sendo um espaço de ensino e aprendizagem, de troca de saberes, deveria ser também, um espaço mais democrático e que permitisse a formação integral dos alunos. Para tanto, a problemática dessa pesquisa trata de estudar a história do ensino no Brasil e a inserção do professor negro no mesmo, tanto nas escolas básicas, quanto nas universidades e sua relação com a sociedade e comunidade escolar. O método de pesquisa se estrutura a partir da Elaboração de histórias de vida, a partir de entrevistas e testemunhos de professores e professoras negras, alcançados pela pesquisa, de forma a analisar suas experiências dentro e fora das salas de aula. Para tanto, se fará ainda pesquisas quantitativas nas escolas com professores e alunos sobre o número de professores negros que estão ministrando aulas, questionando esse número em função das experiências e vivências colhidas pela pesquisa, relacionando os resultados à pesquisa qualitativa assentada nas fontes orais.

Pode-se também perceber que o racismo é fruto de um processo de abolição da escravidão sem planejamento prévio, transformando os negros em cidadãos marginalizados na sociedade. É recorrente na historiografia sobre o pós-abolicionismo pensar que o negro ficaria sem lugar, sem destino, excluído do mercado de trabalho, analfabeto, ou realizando serviços braçais que foi o que, por um longo período, a única função que exercia, oferecendo sua mão de obra sem inserção social, parecendo despreparado para o mundo “civilizado” e, carregando sobre si, um complexo de inferioridade.

Segundo MATTOS (2007) após a abolição da escravidão, os negros africanos e seus descendentes tiveram que enfrentar a dificuldade de ingressar no mercado de trabalho, pois, nesta mesma época, o governo republicano promoveu uma campanha de branqueamento, que visava eliminar a herança biológica africana do país. Tal campanha tinha como um dos principais motes o incentivo à imigração Européia. Para a elite este negro era um empecilho para o desenvolvimento populacional, portanto, o negro deveria ser excluído da sociedade brasileira.

A partir de então o negro se vê numa luta constante por espaço e aceitação na sociedade. Até hoje a sociedade tem dificuldade de aceitar o negro e de reconhecê-lo como sujeito. A mídia, na maioria das vezes, não mostra explicitamente a realidade vivenciada pelo negro, omitindo sua história e dificuldades na sociedade. Segundo PINSKY (2009) as classes dominantes nunca assumiram a negritude como uma herança da formação cultural brasileira, pois a cor da pele parecia sempre superar qualquer outra característica da pessoa em sociedade. O autor pondera que a escravidão, ou seus resquícios, ainda estão presentes nas relações cotidianas, “Embora haja avanço ainda há uma identificação entre o negro e o escravo, e, portanto, com condição de inferioridade social”(PINSKY, 2009. p. 66).

Assim, essa proposta de pesquisa, constitui também um meio de problematizar como a memória que está se perdendo pelo silenciamento e, mesmo, esquecimento da história e influência do negro no Brasil. Pretendeu-se neste artigo mostrar, através de pesquisa, a história de uma população que durante muito tempo ficou oculta, sendo vista com olhar preconceituoso, mas respondendo a essa concepção, tomando o ambiente de ensino aprendizagem como microuniverso. O negro no decorrer da história e, em específico no período da escravidão, era privado da educação, era severamente punido quem ousasse instruir um negro escravo ou um negro livre.

O que é possível perceber é que desde o período escravocrata e, mesmo no final deste, o processo educacional do negro não mereceu nenhuma atenção. “A discriminação educacional juntamente com a discriminação social exterior produziram uma exclusão dos afrodescendentes do sistema escolar” (RIBEIRO, 2012. s/d).

Trata-se não de estudar um tema negro e sim uma vivência negra, ou seja, a experiência histórica dos negros no contexto da educação brasileira em geral, e da educação em Goiás, em particular. Pode-se perceber a ausência do negro em muitos livros didáticos, e uma porcentagem mínima destes nas universidades e rede básica de ensino. Percebe-se que existem pouquíssimos professores negros atuando em sala de aula. Assim, percebe-se a necessidade de se problematizar a questão do racismo no Brasil, apontando para os meios pelos quais o racismo tem sido perpetuado e, dessa forma, combater tais processos.

Alguns militantes da causa negra apontam a necessidade de realizar reformas também nas universidades, sendo o objetivo inserir no espaço acadêmico temas de interesses afrodescendentes, ou seja, tornar visível a presença do negro no

quadro nacional, porém seria um processo árduo pois a academia, na maioria das vezes, rejeita a propriedade da temática. CURY & RIBEIRO (2012, s/d) diz “*Fica claro o que queremos, entretanto a luta continua mais e mais acirrada uma vez que falta muito para tornar-se realidade efetiva nas nossas escolas, esse ensinamento que contempla o povo negro.*”

O negro na sociedade brasileira passa por situações desagradáveis, porém muitas vezes, essas situações acabam sendo “mascaradas”. Como nos aponta NASCIMENTO (1978) é o preconceito de cor o fator predominante que não proporciona a esses sujeitos históricos oportunidades para estarem a frente de uma escola.

Com efeito, candidato de cor, mesmo com habilitação para o comércio, escritórios, hospitais, firmas estrangeiras, e outros estabelecimentos que exigem pessoas de “boa aparência” não conseguem trabalho [...] é o preconceito de cor que se encontra em primeiro lugar como o fator do desemprego, em seguida vêm a idade e a nacionalidade (NASCIMENTO, 1978, p.85).

Nesse sentido um aporte teórico importante para a pesquisa é assumir uma abordagem cultural, inspirada na História Cultural, para se questionar a relação escola – professores negros. Nesse universo teórico, proposto por autores como CHARTIER (1988) e PESAVENTO (2001), é possível questionar como foi construída a educação no Brasil e como, nessa construção, a cultura negra, aquela de professores e alunos, se insere, criando o que CHARTIER (1988) chama de lutas de representação, já que no contexto do racismo, também pode-se situar essas lutas, pois definem os merecimentos, os valores e direitos de sujeitos históricos colocados em relação. Assim, a escola pode ser vista como espaço de cultura que perpetua representações de mundo que, no Brasil, tem elaborado o negro, desde os tempos coloniais, como sujeito despreparado para a “civilização” e, por isso reduzido à condição de sujeito inferior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível descrever o sentimento do negro em ser discriminado, pois, somente ele carrega o peso de ser um negro no Brasil, ele que sente a dor de sofrer o racismo numa sociedade que não o aceita, que lhe tira a liberdade de viver como os outros membros da sociedade. NABUCO (2010) fala que nenhuma outra nação possui como direito, tirar a liberdade de outra, pois é “um atentado contra a humanidade toda” (p.106). Tal liberdade é uma conquista da humanidade ao longo dos anos e isto está ao alcance de todos os indivíduos indiscriminadamente. Não há como negar o fato de que o negro na história do Brasil não fez parte da sociedade brasileira como cidadão, cuja cidadania é respeitada e valorizada.

NABUCO (2010) diz que por mais que as gerações anteriores tenham se levantado sobre os ombros do sangue negro, isso não significa que a próxima geração tenha que suprimir esse crime, (p.185), mas ela tem a obrigação de pensar seu significado histórico e cultural e lutar contra a segregação.

Dessa forma, não se pode viver o hoje em função do passado cruel que o negro vivenciou, um passado com feridas que não se cicatrizaram, sangrando e repercutindo na atualidade, mas sim, é preciso combater os resquícios da escravidão e da libertação, tal como foi feita no Brasil, que não permitiu aos negros uma vida livre para ser cidadão.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, R. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Bertrand do Brasil, 1988.

CURY, M.C.; RIBEIRO, M.S.P.; **Professores negros: etnicidade e processo identitário**. Disponível em: <[http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-diversidade/RELAÇÕES_ÉTNICAS/WEBARTIGOS/professores negros etnicidade e processo identitario.pdf](http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-diversidade/RELAÇÕES_ÉTNICAS/WEBARTIGOS/professores_negros_etnicidade_e_processo_identitario.pdf)>. Acesso em: 03 maio 2012.

NASCIMENTO, A.; **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NABUCO, J.; **O abolicionismo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

PESAVENTO, S.J.; *História & História Cultural*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATTOS, R.A. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, J.; *A Escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

RIBEIRO, M.S.P.; **O romper do silêncio: História e Memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das Universidades Públicas do estado de São Paulo**. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/afirme/LEITURA/noensino/ne04.pdf> . acessado dia 30/10/2012.